Dia 31 — São Silvestre, Papa

Martirológio Romano

A morte gloriosa de São Silvestre, papa, em Roma; o qual batizou o imperador Constantino Magno, confirmou o concílio de Niceia e, depois de outras coisas que fez como muito fiel ministro do Senhor, descansou em paz. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

As santas Donata, Paulina, Rústica, Nominanda, Serotina, Hilária e suas companheiras, em Roma também, na via Salária, no cemitério de Priscila.

Os santos Sabiniano, bispo, e Potenciano, em Sens; os quais, enviados lá pelo Papa a pregar o Evangelho, ilustraram aquela metrópole com o martírio de sua confissão.

Santa Columba (ou Coloma), virgem e mártir, também em Sens; a qual, na perseguição do imperador Aureliano, tendo vencido o fogo, foi degolada. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Hermes, exorcista, em Rectária.

O martírio dos santos Estêvão, Pônciano, Átalo, Fabiano, Cornélio, Sexto, Floro, Quinciano, Minervino e Simplício, em Catânia, na Sicília.

São Zótico, presbítero romano, no mesmo dia; o qual, passando a Constantinopla, tomou a seu cargo o sustento dos órfãos. (Por sua nobreza e santidade foi outro dos distintos personagens que o grande Constantino levou de Roma para ilustrar sua nova corte de Bizâncio, chamada depois, de seu nome, Constantinopla. Foi ali Zótico o primeiro que em benefício dos pobres fundou um hospital e se exercitou com indizível caridade em socorrer, servir e sarar os órfãos e necessitados. Honram-no com muitos elogios o Menológio e vários escritores gregos. Luque.)

São Barbaciano, presbítero e confessor, em Ravena. (Era presbítero de Antioquia. Veio no século IV a Roma com outro sacerdote chamado Pimoleu; tendo vivido algum tempo no cemitério de Calisto, difundiu-se tanto a fama de suas virtudes e milagres que a augusta Gala Placídia, mãe do imperador Valentiniano, levou-o consigo a Ravena, em cuja corte, a solicitação do santo Clérigo, fundou a Imperatriz um suntuoso templo em honra de São João Evangelista: nesta igreja empregou-se Barbaciano em servir a Deus e ao próximo, não adquirindo inferior crédito que em Roma por sua santa vida e obras maravilhosas. Morreu, pois, amado de Deus e dos homens, e São Pedro Crisólogo o enterrou na mesma igreja que ele havia ilustrado com suas virtudes. São Pedro Damião no dia de sua festividade pronunciou um panegírico em seu louvor. Luque.)

Santa Melânia, a Jovem, no mesmo dia; a qual, juntamente com seu marido Piniano, deixando Roma, foi a Jerusalém, onde ela entre umas virgens consagradas a Deus e o marido entre os monges viveram vida religiosa e acabaram santamente. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

E em outras partes outros muitíssimos santos Mártires, Confessores e santas Virgens. Graças a Deus.

São Silvestre, Papa

São Silvestre, destinado por Deus para os primeiros dias serenos que viu a Igreja, livre já daquela multidão de perseguidores que a haviam feito gemer por espaço de mais de trezentos anos, e vendo no número de seus filhos o maior e mais poderoso imperador que havia havido até então no mundo; São Silvestre, digo, era romano, filho de Rufino, de uma família opulenta e que fazia em Roma um dos primeiros papéis. Seus pais eram cristãos e juntavam a seu zelo pela fé uma probidade e uma caridade exemplar. Um de seus primeiros cuidados foi dar a seu filho uma bela educação e inspirar-lhe desde o berço o amor à virtude cristã. Conhecendo de quanta consequência é para um jovem ter mestres hábeis e virtuosos, deram-lhe por preceptor um santo homem chamado Quirino, um dos mais hábeis e mais piedosos que havia no clero de Roma.

O belo natural do jovem Silvestre, o desembaraço de seu espírito, sua docilidade e seu agrado abreviaram muito as lições do santo sacerdote. Os progressos que fez nas letras, especialmente na ciência da Religião, por mais pasmosos que fossem, não foram inferiores aos que se lhe viam fazer cada dia na virtude e no exercício das boas obras. Tinha grande gosto em receber os fiéis estrangeiros que vinham em peregrinação aos sepulcros dos santos Apóstolos; conduzia-os ele mesmo à pousada, lavava-lhes os pés, servia-os à mesa e os proveu abundantemente de todo o necessário. Teve o consolo de receber entre outros São Timóteo, o qual, tendo vindo de Antioquia a venerar as relíquias dos santos Mártires, depois de haver trabalhado com um prodigioso sucesso na conversão dos infiéis pela força e unção de suas instruções, mereceu aumentar o número dos Mártires, alcançando a palma do martírio. São Silvestre teve meio de fazer-se com seu corpo e o enterrou com toda a honra que a perseguição dos pagãos lhe pôde permitir. Tarquínio Perpena, prefeito da cidade de Roma, sabendo que o santo Mártir estava hospedado em casa de nosso Santo, imaginou que Timóteo havia trazido grandes riquezas a Roma do Oriente; e assim mandou prender São Silvestre, meteu-o no cárcere, resolvido a fazê-lo morrer, ao menos por ser cristão, esperando com isto ter um duplo despojo; mas a Providência fez inúteis todos os seus desígnios, porque o Prefeito morreu no dia seguinte, havendo engolido uma espinha de peixe que o afogou em poucas horas. Esta morte tão repentina fez que dessem liberdade ao santo encarcerado, o qual voltou logo a suas acostumadas obras de misericórdia.

A vida pura e exemplar de nosso Santo deu a conhecer bastantemente que não ficaria no século. Com efeito, foi admitido no clero aos trinta anos de idade, e o ordenou de sacerdote o papa São Marcelino. Esta nova dignidade foi um novo lustre a sua eminente virtude. Conheceu a santidade e as obrigações de seu estado e dedicou-se a cumpri-las: talvez não se viram jamais costumes mais puros, piedade mais fervente nem porte mais mortificado, mais humilde nem mais devoto. Sua

capacidade, junta a uma regularidade extraordinária, atraiu sobre ele uma furiosa perseguição da parte dos Donatistas, que, não podendo sofrer que São Silvestre tirasse a máscara a sua hipocrisia e confundisse seus mais hábeis partidários, tanto em particular como em público, exercitaram porfiadamente sua caridade e seu zelo; mas toda a sua malícia só serviu para fazer conhecer melhor o mérito de nosso Santo; pois, tendo morrido o papa São Melquíades no ano 314, São Silvestre foi exaltado à Santa Sé de comum consentimento do povo e do clero.

Havia começado a respirar a Igreja depois da morte do ímpio Diocleciano; mas ainda que o imperador Constantino, depois da célebre vitória sobre o tirano Maxêncio, a qual este grande Príncipe conhecia dever à virtude da cruz de Jesus Cristo, se havia declarado altamente pelos Cristãos, contudo os magistrados pagãos não deixavam de persegui-los, especialmente enquanto durou a guerra que este Imperador se viu obrigado a fazer a Maximino e a Licínio, seus colegas no império. A proteção aberta que este Príncipe concedia aos Cristãos irritou furiosamente os pagãos, os quais, aproveitando-se de sua ausência, não omitiram diligência alguma para exterminar os cristãos de Roma; este era o último esforço que fazia o inferno contra a Religião. Ainda que o santo Papa desejava dar sua vida e seu sangue por Jesus Cristo, contudo creu dever guardar-se para cuidar de sua querida grei, a qual em umas circunstâncias tão críticas tinha muita necessidade de sua vigilância e de sua caridade pastoral. E assim lhe foi preciso sair de Roma e retirar-se ao monte Soracte, chamado depois de São Silvestre, distante da cidade umas sete léguas.

As atas deste Santo, autorizadas por grande número de autores célebres, tanto gregos como latinos, e por uma venerável tradição que segue a Igreja ainda hoje no ofício do Santo, dizem que, vendo-se o imperador Constantino coberto de uma espécie de lepra, a qual era muito comum naquele tempo, consultou sobre isso os mais hábeis médicos do império, os quais, sendo todos pagãos, convieram unanimemente em que o banho de sangue de meninos pequenos era o único remédio eficaz para a mencionada enfermidade. Ainda que este Príncipe desejava ardentemente sanar, horrorizou-se, não obstante, do remédio; o apreço que fazia da religião cristã, da qual ainda não tinha então mais que uma ligeira tintura, começou a inspirar-lhe já sentimentos mais humanos, e assim recusou tomar um banho tão bárbaro. Na noite seguinte teve uma visão, na qual viu em sonhos dois venerandos anciãos, cujo porte aprazível e majestoso a um mesmo tempo lhe dava a entender bastante a dignidade de suas pessoas; os quais, aproximando-se, lhe disseram quão agradável havia sido a Deus aquele ato de clemência e lhe acrescentaram que enviasse a buscar ao monte Soracte Silvestre, sumo pontífice dos Cristãos, que lhe mostraria um banho muito mais salutar, com o qual sanaria logo não só da lepra do corpo, mas também da da alma. Tendo despertado Constantino, chama seus oficiais e lhes manda que lhe tragam sem dilação o soberano pontífice dos Cristãos, chamado Silvestre, o qual acharão no monte Soracte. Ao ver o santo Pontífice os oficiais do Imperador com ordem para levá-lo a sua presença, não duvidou que seria para dar-lhe a coroa do martírio; mas foi recebido do Príncipe com afabilidade e com honra: declarou-lhe a visão e a ordem que havia tido, a qual cria vir do céu, que queria curá-lo de sua lepra.

São Silvestre, gostosamente surpreendido do bom acolhimento do Imperador e do que acabava de ouvir, disse-lhe: Não duvides, grande Príncipe, que a visão que tiveste vem de Deus. Quanto aos dois venerandos velhos que viste, conhecerás vendo seus retratos que são os dois grandes apóstolos de Jesus Cristo, as duas principais colunas de sua Igreja; e tendo-lhe mostrado as

imagens de São Pedro e São Paulo, reconheceu Constantino nelas os dois velhos que havia visto em sonhos. Este sucesso obrou uma grande mudança na alma deste grande Príncipe, o qual quis ser instruído a fundo nos mistérios de nossa Religião; e obrando a Graça em seu grande coração, foi admitido entre os catecúmenos. A santa impaciência que mostrou de ser cristão obrigou a São Silvestre a abreviar o tempo das provas. Foi, enfim, batizado por nosso Santo; e apenas foi metido nas sagradas águas do Batismo, desapareceu a lepra, e sua alma ficou limpa de toda mancha.

Não se pode dizer qual foi nesta ocasião o gozo do Imperador e os clamores de alegria de todos os fiéis. Sua ternura e sua veneração a São Silvestre foram extremadas desde este dia: olhou-o sempre como a seu pai em Jesus Cristo e o venerou como a seu mestre. Constantino, ainda mais grande por sua piedade e seu zelo pela Religião que pelas vitórias que havia conseguido sobre todos os inimigos do império, empregou todos os oito dias que levou o hábito de neófito, dizem suas atas, em fazer leis e ordenanças dignas do primeiro imperador cristão. Dirigido por São Silvestre, começou anulando todos os editos feitos pelos imperadores pagãos contra os Cristãos e publicou muitos em seu favor para o estabelecimento e a glória da religião cristã, cujo livre exercício estava já estabelecido em todas as partes, mandando ao mesmo tempo abolir geralmente as superstições pagãs. Demoliram-se os templos dos ídolos em todo o império e edificaram-se sobre suas ruínas em Oriente e Ocidente templos consagrados ao verdadeiro Deus; de modo que pode dizer-se que, se o grande Constantino foi o instrumento de que se serviu Deus para fazer triunfar a verdadeira Religião, São Silvestre foi como a alma de todas estas gloriosas façanhas. Moveu o Imperador a edificar a magnífica basílica do Salvador, chamada São João de Latrão, e a dos apóstolos São Pedro e São Paulo, a qual este Príncipe enriqueceu, dando-lhe muitos tesouros, depois de assinalar-lhe rendas suficientes para a manutenção de um grande número de eclesiásticos.

Enquanto o religioso Príncipe fazia triunfar a religião católica do paganismo por suas magníficas liberalidades, São Silvestre conseguia insignes vitórias sobre os judeus e hereges. A aqueles confundiu na presença do Imperador e juntou contra eles muitos concílios, nos quais o erro foi proscrito. O principal foi o de Niceia, o qual é o primeiro concílio geral, ao qual concorreram trezentos e dezoito bispos, a maior parte gloriosos confessores de Jesus Cristo; nele se condenou a ímpia heresia de Ário. Assistiu a ele o imperador Constantino e deu raros exemplos de humildade e de religião. O posto que se lhe deu, as honras que se lhe fizeram e os elogios que se fizeram de seu zelo e sua virtude provam evidentemente, diz o cardeal Barônio, que havia já recebido o Batismo. Depois da solene condenação do arianismo, depois do famoso símbolo de fé que ali se fez, escreveu o concílio a São Silvestre, pedindo-lhe a confirmação de seus decretos; e tendo juntado este santo Papa outro concílio em Roma para este fim, confirmou tudo o que o de Niceia havia feito, com estas palavras: Confirmamos de palavra e também nos conformamos com tudo o que foi estabelecido na cidade de Niceia, na Bitínia, pelos trezentos e dezoito bem-aventurados bispos, para o bem e conservação da santa madre Igreja católica e apostólica; e anatematizamos a todos os que intentarem destruir a definição deste grande e santo concílio, ao qual se achou presente o piíssimo e venerável príncipe Constantino Augusto.

A vigilância do santo Pontífice e sua solicitude pastoral não se contentou com cuidar da pureza da fé, mas se estendeu também a aperfeiçoar a disciplina eclesiástica, para o que juntou alguns concílios. Um dos mais consideráveis foi o de Arles, a que assistiram os bispos das Gálias, da Itália,

da Espanha e da África, onde se estabeleceu que a festa da Páscoa se celebrasse no domingo depois do dia 14 da lua de março. Nele se condenou a reiteração do Batismo observada pelos africanos. Ceciliano, bispo de Cartago, foi declarado inocente dos delitos de que o acusavam os Donatistas, e fizeram-se leis muito justas contra os cismáticos.

Finalmente, depois de haver edificado muitas igrejas em Roma e em outras partes; depois de haver feito decretos muito prudentes e muito úteis para aperfeiçoar a disciplina da religião cristã; depois de haver governado a Igreja com uma prudência admirável e com um acerto maravilhoso por espaço de vinte e dois anos, consumido de trabalhos pela glória de Deus e colmado de merecimentos, saiu desta vida mortal para ir gozar no céu da que não terá jamais fim. Sucedeu sua morte no ano 335 de Jesus Cristo, sendo de uma idade muito avançada. Seu corpo foi enterrado com muita solenidade na Via Salária, no cemitério de Priscila, a uma légua de Roma.

Santa Columba de Sens, Virgem e Mártir

Num priorado que tem o real mosteiro de Santa Maria de Nájera, da Ordem de São Bento, venera-se o corpo da gloriosa virgem e mártir Santa Columba, não a de Córdoba, como creram Morales e Sánchez de Feria e outros, a qual padeceu na perseguição dos árabes, como dissemos no dia 17 de setembro; mas a que no império de Aureliano padeceu em Senonas, hoje Sens, na França, metrópole da província Lugdunense. Tillemont e Baillet puseram em dúvida a legitimidade das atas deste martírio que traz Surio, tomadas do Belvacense, por não haver tido presente que em tudo são conformes com o ofício de nossa Santa, que se acha no missal e Breviário Moçárabes anteriores ao século V, ainda que ilustrados e aumentados depois por São Leandro e Santo Isidoro. Por estes monumentos tão autorizados de nossa Igreja consta a certeza do que as atas dizem: que, vindo o imperador Aureliano desde o Oriente e entrando em Senonas, começou a fazer pesquisa dos cristãos que havia naquela cidade; e tendo notícia de Columba, fê-la levar a sua presença. Perguntou-lhe a quem venerava, e respondeu ela que a Cristo. Provou ele sua constância com vários tormentos; tudo foi por demais. Logo, num aposento do anfiteatro, expô-la à brutalidade de um moço, cuja desenvoltura conteve ela com o poder de Deus; atemorizou-o com uma ursa que repentinamente saiu da leoneira; sobre tudo isto alcançou-lhe o dom da fé e ânimo celestial para confessá-la. Também apagou Deus o fogo que puseram à casa onde estava a santa virgem para que ali se abrasasse. Tiraram-na do cárcere e no anfiteatro lhe cortaram a cabeça. Antes de morrer, ouviu-se uma voz do céu que dizia: Vem, pomba minha, abertos estão para ti os céus. O paraíso te dá os parabéns da vitória. O Filho de Deus te aguarda com a coroa da glória para pôr-ta na cabeça. Os Anjos estão prevenidos para receber-te e trazer-te a esta grande cidade, a celestial Jerusalém. Foi seu glorioso trânsito tal dia como hoje, no que convêm o antiquíssimo Martirológio Jeronimiano, os de Usuardo, Beda, Adão e todos os seguintes. Em assinalar o ano em que padeceu nossa Santa poderia haver alguma dificuldade, pelas três diferentes ocasiões em que veio Aureliano às Gálias. O M. Risco julga que foi isto na primeira viagem que fez a estas províncias no ano 273, sendo já imperador, com o fim de tirá-las do poder de Tétrico e restituí-las ao império.

Porque, constando pelo Martirológio de Beda que Aureliano era já imperador quando padeceu Santa Columba e que esta Santa foi degolada em sua presença no dia 31 de dezembro, não pode fixar-se este sucesso no ano 259, em que tinha o império Valeriano e ele não era senão governador da província de Sens; e menos no de 274, em cujos últimos meses se achava muito distante da França.

Ignora-se o tempo em que foi trasladado à Espanha o corpo de Santa Columba. Um dos povos que tomaram os árabes quando se apoderaram da Espanha foi Tricio, que desde os romanos se contava por cidade dos berões. Esta povoação tinha junto a si uma aldeia chamada já então Santa Coloma, cujo nome conserva, distante duas léguas da cidade de Nájera. Esta aldeia esteve em poder dos mouros até o ano 923, em que o rei Dom Ordonho II a recobrou juntamente com Nájera e reedificou o mosteiro consagrado em honra de nossa santa virgem, onde estavam depositadas suas relíquias. O ofício de Santa Coloma se celebrava já no tempo dos godos no dia 31 de dezembro, destinado unicamente a sua festa. Daqui passou aos Breviários que se formaram depois para o uso de cada diocese. E ainda que em algumas delas se consagrou este dia ao glorioso pontífice São Silvestre, nem por isso se omitiu a memória de nossa santa virgem. Algumas trasladaram sua festa, outras se contentaram com fazer dela comemoração: muitas guardaram constantemente sua festividade.

Muito de antigo começaram na Espanha a tomar algumas mulheres o nome desta gloriosa virgem. São Braulio faz memória de uma donzela chamada Columba, filha de Máximo, curada milagrosamente por São Milão num povo da Rioja. Em muitos lugares principais há ermidas com a invocação desta Santa. Em Burgos houve também com seu nome uma igreja pequena, mas muito antiga, na rua mais alta da cidade, que chamam agora Vejarrúa. Em Sigüenza há dignidade com o mesmo título, diz Ambrósio de Morales, e uma capela também com sua invocação, riquíssima em lavor e mais na renda, e de muita devoção no serviço e ofícios que nela se celebram. As regiões de Astúrias, Galiza e Portugal estão cheias, diz o mesmo historiador, da veneração desta Santa em igrejas, em celebrar sua festa e em outras solenidades. Junto a Benavente há um excelente mosteiro de monjas dedicado à memória da mesma virgem e mártir. Perto de Barcelona há outro convento de religiosos Franciscanos com o mesmo título. Disto e do nome de Santa Coloma, que com alguma variedade tomaram alguns povos da Espanha, colige-se a veneração em que foi tida em nossas províncias e o zelo com que nelas se procurou perpetuar sua memória.

Santo Domingo, Mártir

Um dos ilustres Mártires de Jesus Cristo sacrificados ao furor dos bárbaros maometanos na infeliz época em que se achavam estes donos de quase toda a península da Espanha foi Santo Domingo Yáñez, natural da cidade de Zamora, onde é e foi célebre sua memória desde que triunfou gloriosamente dos inimigos da fé. Seguiu Domingo a carreira militar com o nobre objeto que alentava então os cristãos moçárabes da nação, não outro que o de sacudir o pesadíssimo jugo dos agarenos. Invadiram estes a ilustre vila de Simancas, chamada antigamente Septimancas, o mesmo que sete mãos mancas; cujo honroso título tomou de um feito que pôde competir com os mais famosos que em matéria de honestidade elogiam as histórias sagradas e profanas. Foi o caso

que, tendo entrado vitoriosos os mouros no expressado povo, temerosas sete virgens ilustres de que os bárbaros insultassem sua pureza, cortaram as mãos sinistras e afearam os rostos com seu próprio sangue, para conter o atrevimento dos invasores com um aspecto tão horroroso. Passaram a cutelo os africanos todos os fiéis que encontraram em Simancas, ressentidos da vigorosa resistência que fizeram ao porfiado sítio que puseram à vila; e voltando vitoriosos a Córdoba, corte dos maometanos, onde então reinava Isém ou Iscã, entre outros muitos cativos levaram consigo Domingo, a quem puseram numa escura masmorra com outros cristãos que participaram da mesma infeliz sorte. Fizeram-lhes padecer inumeráveis trabalhos e imponderáveis misérias por espaço de dois anos e meio; mas todas estas calamidades as sofreram os ilustres prisioneiros com inalterável paciência, dando repetidíssimas graças ao Senhor porque os fazia dignos de padecer por seu amor.

Neste tempo, segundo escrevem alguns, sendo Domingo casado, sua mulher, chamada Violante, passou de Zamora a Córdoba, assim para servir de consolo a seu amado esposo como para tratar de seu resgate; mas ainda que sobre isto fez as mais eficazes diligências, não teve efeito a liberdade do Santo por causa da violenta usurpação que fez de seus bens o rei Dom Ramiro III de Leão, em cujo tempo sucedeu aquela guerra. Resignaram-se ambos os esposos com a vontade de Deus, que assim o dispunha; mas querendo o Senhor remunerar com liberdade mais completa o pacífico sofrimento dos fiéis cativos, que não cessavam de implorar a divina misericórdia, coroou-os com a glória do martírio no dia 31 de dezembro do ano 985. Não se ausentou Violante de Córdoba pela morte de Domingo, antes determinou passar o resto de seus dias na mesma cidade, que foi o teatro do glorioso triunfo de seu marido, ao qual sobreviveu um ano, ocupada em santas obras; e tendo falecido, deu-se-lhe sepultura na igreja de Santo Aciscelo e Vitória, segundo se acredita pelo epitáfio de seu sepulcro.

Morreu Ramiro III antes do martírio de Domingo e, tendo-lhe sucedido no reino de Leão Bermudo II deste nome, condoendo-se dos trabalhos e das misérias que padeciam no cárcere de Córdoba os cristãos que foram cativos em Simancas, enviou seus oradores para que solicitassem seu resgate. Souberam estes, antes de chegar a Córdoba, a morte de Domingo e de seus ilustres companheiros e, noticiando-a a Bermudo, quis este religioso Príncipe que a Igreja fosse herdeira dos bens do ilustre Mártir que usurpou Dom Ramiro contra a autoridade e o decoro de sua real pessoa, parecendo-lhe coisa alheia de razão que gozasse seu dono da visão beatífica e que possuíssem seus bens outros que não estivessem consagrados ao serviço do Altíssimo na terra, segundo consta por seu real privilégio com data de 4 de fevereiro do ano 988, no qual diz Bermudo: Em memória do ilustre mártir Domingo Sarracino, quero fazer doação de sua fazenda, como coisa devida e justa, à igreja onde está sepultado o apóstolo Tiago, nosso padroeiro, para que seja sua e a goze para sempre: a qual se lhe dê e entregue em honra do dito Mártir, para que os que ali vivem servindo a Deus, lembrando-se dele e oferecendo-lhe cada dia orações e sacrifícios, tenham socorro no temporal. Os Cristãos deram sepultura em Córdoba aos venerandos corpos de Domingo e de seus companheiros; e tendo o santo rei Fernando III de Castela recuperado aquela cidade do poder dos mouros, as relíquias do ilustre mártir Domingo foram trasladadas a Zamora, onde são tidas em grande veneração, e se conserva até hoje uma ermida antiquíssima sob sua invocação perto do vau que chamam de Dom García, na qual se acha um sepulcro de não menos antiguidade, onde se diz estar o corpo do Santo.

Santa Melânia, a Jovem

Melânia, a Maior, foi de uma família nobilíssima espanhola, ainda que descendente de romanos, e com parentesco com São Paulino de Nola, nada inferior em nobreza e riquezas às maiores da Aquitânia e Espanha. Tendo-se casado muito jovem, ficou viúva aos vinte e três anos de sua idade. Por morte de seu marido disse esta mulher a Deus: «Agora, Senhor, fiquei em liberdade para dedicar-me sem distração a vosso serviço»; e tendo posto seu filho Publícola em poder de bons tutores, embarcou-se com Rufino para Alexandria, no ano de 371, e visitou Santo Atanásio; e ele lhe deu uma pele de ovelha que São Macário, abade, lhe havia dado a ele por um grande presente, por havê-la trazido ao santo Abade um leão ou uma hiena em reconhecimento do benefício que havia recebido por haver dado vista a um cachorrinho seu que estava cego. De Alexandria passou Melânia a visitar aqueles desertos do Egito povoados de monges, que viviam na terra como Anjos do céu e, depois de investidos seis meses nesta visita, distribuindo largas e copiosas esmolas, trasladou-se à Palestina, mas tão disfarçada que o governador de Jerusalém a pôs numa prisão por haver ido visitar alguns presos, até que se deu a conhecer e foi tratada com o respeito devido: passado algum tempo, erigiu um mosteiro em Jerusalém, vestiu-se de um áspero saial, sem mais cama que o duro solo e sem mais com que cobrir-se que uma manta. Assim viveu na Palestina vinte e sete anos, fazendo emprego total de sua alma a oração, a meditação e a leitura das santas Escrituras. Cresceu seu filho Publícola e, adquirido o complemento de todas as boas qualidades de corpo e alma, casou com Albina, na qual teve um filho e uma filha, que é Melânia, a Menor, de quem havemos de tratar. Aos treze anos de sua idade casou com Piniano, filho de Severo, que havia sido prefeito de Roma. Os filhos desta morreram meninos, e com suas súplicas e discursos patéticos ganhou o consentimento de seu marido e o persuadiu a ligar-se por voto a perpétua castidade. Melânia, a Maior, com esta notícia deixou o Oriente e voltou a Roma depois de uma ausência de trinta e sete anos.

Saíram a recebê-la em Nápoles uma tropa de ilustres personagens da primeira nobreza romana, os quais a acompanharam desde ali com um rico aparato e suntuosas equipagens. A humilde Melânia caminhava à frente deles a cavalo e vestida pobre e religiosamente. Enquanto esteve em Roma, foi todo o seu cuidado precaver Piniano e sua neta contra as heresias daquela era. Permaneceu quatro anos no Ocidente, em cujo intermédio fez uma viagem à África; e ali recebeu a notícia da morte de seu filho Publícola. A sua volta a Roma aconselhou a Piniano e a nossa Santa dar quanto tivessem aos pobres e encerrar-se em algum remoto retiro. Abraçaram gostosamente o conselho e foram imitados por Albina. Avita, sobrinha de Melânia, depois de converter seu marido dos erros da idolatria, induziu-o a fazer junto com ela voto de perpétua castidade. Seu filho Astério e a filha destes, Eunômia, seguiram o mesmo exemplo. Todas estas pessoas ilustres e devotas foram juntas fazer uma visita a São Paulino de Nola. Tantas e tão admiráveis conversões tinham atônitas Roma e toda a cristandade. A Maior Melânia, apenas havia completado esta obra, quando voltou a sua solidão. O tumultuoso bulício de Roma fazia que tivesse aquela cidade por lugar de desterro e verdadeira prisão; nem podia suportar o tumulto do mundo e a distração das visitas. Rufino acompanhou Melânia até a Sicília, e ali morreu. Melânia arribou a Jerusalém, distribuiu entre os pobres o resíduo de seu dinheiro e encerrou-se num mosteiro. Mas aos quarenta dias comutou esta vida mortal pela eterna, no ano de 410, tendo como uns sessenta e oito de idade. Esta Melânia

parece haver-se empenhado acerrimamente com Rufino em defesa de Orígenes. Os encômios que lhe dão Santo Agostinho, São Paulino e outros muitos evidenciam sua fé e virtude ortodoxas, ainda que seu nome nunca foi colocado entre os Santos, a não ser que se entenda o seu de uma Melânia que se acha num Calendário manuscrito de que faz menção Chiflet, segundo nos dizem Papebroquio e José Assemani.

Albina, Melânia, a Menor, e Piniano demitiram primeiro os Estados que tinham na Espanha e França, reservando os que possuíam na Itália, Sicília e África. Deram liberdade a oito mil de seus escravos, e os que não quiseram aceitá-la deram-nos ao irmão de Melânia. Suas mais ricas alfaias deram-nas às igrejas e altares; e o primeiro sítio a que se retiraram foi aos campos da Campânia e Sicília, onde gastavam o tempo em oração, leitura e visitar pobres e enfermos para consolá-los e socorrê-los. Para este fim venderam também os Estados da Itália e passaram à África, onde estiveram algum tempo, primeiro em Cartago e depois em Tagaste, sob a direção de Santo Alípio, que era naquele tempo bispo daquela cidade. Numa viagem que fizeram a Hipona a ver Santo Agostinho, o povo apoderou-se de Piniano, pedindo a Santo Agostinho que o ordenasse de presbítero. Mas escapou de suas mãos, prometendo-lhes que, se alguma vez recebia as ordens, seria para servir na igreja deles. A pobreza e austeridade em que viveram em Tagaste parecia já extrema. Melânia foi por graus chegando a um hábito tão admirável de jejuar que às vezes não comia mais que uma vez por semana e nesta não tomava mais que pão e água, a não ser em algumas grandes festividades, em que costumava acrescentar um pouco de azeite. A ocupação deles era ler e copiar livros; e Piniano cultivava também um jardim. No ano de 417 deixaram a África e passaram a Jerusalém, onde continuaram o mesmo modo de vida. Santa Melânia enterrou sua mãe Albina no ano de 433 e a seu marido Piniano dois depois. Sobreviveu-lhes ela quatro anos, encerrada num mosteiro que edificou e governava: sua cela era seu paraíso; mas deixou-a para ir a Constantinopla converter seu tio Voluziano, que era idólatra, e com efeito teve o gosto de vê-lo batizado e morrer cheio de alegria e de esperança. Depois que o deixou morto, voltou a Jerusalém. Passou a Belém por ter ali o Natal e voltou no dia seguinte, em que se sentiu assaltada de uma febre e da última enfermidade, que ela disse sê-lo aos que estavam em sua companhia. Visitaram-na muitos monges e servos de Deus, a quem consolava quando os via chorar. Partiu, pois, para o Senhor no ano de 439, aos cinquenta e sete de sua idade, em domingo, 31 de dezembro, em cujo dia se acha seu nome no Martirológio Romano.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Silvestre, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Silvestri, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Fazei, ó Deus onipotente, que a venerável solenidade do bem-aventurado Silvestre, vosso confessor e pontífice, nos aumente a devoção e a salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da segunda carta de São Paulo a Timóteo (a mesma do dia 7).

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Reflexões

Não são as grandes sés as que fazem grandes os pontífices, assim como não são sempre as ações mais brilhantes as que formam os mais grandes Santos; mas quando estas luzes puras, vivas,

ardentes estão postas sobre os mais altos candeeiros, quando a virtude mais heroica e mais purificada se encontra nos primeiros postos, que efeitos tão maravilhosos os que daqui se seguem! Tudo é felicidade então, tudo é prodígio. Todos os prelados devem ser indispensavelmente, por seu sagrado caráter, o sal da terra e a luz do mundo. A pureza de sua doutrina, sustentada e formoseada pela integridade de seus costumes e pelo resplendor de seus bons exemplos, deve servir de triaga contra o erro e de remédio eficaz contra o contágio. Do pastor esperam as ovelhas seu alimento; a ele toca conduzi-las aos pastos sãos e salutares; mas que bens não fazem os prelados que ocupam as primeiras sés quando sua santidade e seu mérito correspondem à eminência e à superioridade de sua hierarquia! Quando os primeiros prelados são os mais santos, quando estes primeiros astros não têm senão uma luz pura, que influências tão salutares não derramam sobre todo o mundo cristão! São os instrumentos ordinários de que se serve Deus para obrar seus maiores prodígios. Que não deve todo o mundo cristão, que não deve a Igreja à eminente santidade, ao zelo eficaz, às extraordinárias luzes, à pureza da doutrina e à imensidade dos trabalhos apostólicos dos Clementes, dos Silvestres, dos Leões, dos Gregórios, dos Pios e de tantos outros grandes Pontífices que Deus deu ao mundo cristão em diversos tempos, segundo viu as necessidades que deles tinha sua Igreja!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40

Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Do consolo que se tem no fim do ano de haver empregado bem o tempo

Primeiro ponto

Considera como não há coisa mais doce nem de maior consolo que haver cumprido alguém com sua obrigação e haver feito o que devia: este testemunho da consciência contenta e acalma o coração, ao mesmo tempo que derrama na alma uma paz e uma doçura que são sobre todos os sentidos e que o homem carnal não é capaz de compreender. Mas entre todas as obrigações do homem cristão pode-se dizer que a mais interessante e a mais sensível, por dizê-lo assim, é o bom emprego do tempo. Este pensamento enche o coração e o sacia. Eu havia recebido do Pai de família este talento para negociar com ele: pu-lo a ganhos, aproveitei-me de quantas ocasiões se me apresentaram de fazer render este talento e, graças a Deus, o consegui; venha o Senhor quando quiser, que estou pronto a dar-lhe a conta. Eis aqui o que sente no fim do ano uma alma fiel que não deixou escapar ocasião alguma de cumprir até com as mais pequenas obrigações de seu estado e que, olhando esta vida com olhos cristãos, compreendeu quão caduca e miserável é; e sobretudo quanto lhe importava usar bem dela. Considerou que, sendo como era estrangeira sobre a terra, teria sido uma insigne loucura pôr sua felicidade e buscar seu repouso nela. Alentada unicamente a fazer úteis para a eternidade todas as horas e todos os momentos, não olhou cada dia senão como o tempo de um jornal; e para não perder o salário devido, teve cuidado de não afrouxar no trabalho que se lhe havia prescrito. Sabendo que este ano podia ser o último para ela, como o foi para muitas outras, viveu como quem havia de morrer, tendo sempre acesa sua lâmpada e aguardando com paciência a hora da chegada do esposo. Compreendamos, se é possível, o fundo de consolos interiores que experimenta esta alma fiel no fim do ano. Com que satisfação se lembra de que cumpriu suas obrigações, de que correspondeu às graças que Deus lhe deu, de que evitou os laços que o inimigo da salvação lhe havia armado, de que domou suas paixões; numa palavra, de que teve uma vida cristã!

Segundo ponto

Considera como tudo concorre a fazer este consolo mais doce. Os bens e os males de que todos os nossos anos estão como semeados: adversidades, moléstias, perda de bens, aflições, desgraças, enfermidades, fortuna grande, prosperidades temporais, vantagens, satisfações, prazeres, tudo passou. Que fica de tudo isto no fim do ano? O mesmo, com pouca diferença, que no fim da vida. Consolamo-nos dos uns; olhamos com indiferença, e talvez com desgosto, os outros. Os bens e os males desta vida passam igualmente; e tudo o que passa é pouco digno de afligir ou de alegrar um coração a quem só os bens eternos são capazes de contentar e que, falando propriamente, não

tem que temer senão o pecado e a infelicidade eterna. Uma pessoa verdadeiramente virtuosa, que tem a ventura de evitar o pecado durante todo o ano, ou que, tendo tido a desgraça de perder a inocência, não passou o dia sem recobrá-la, sente no fim do ano um gozo cujo preço só pode compreender quem o experimentou. A memória do fruto que tirou da palavra de Deus, do uso dos Sacramentos, dos exercícios de devoção, das boas obras; aquela regularidade de costumes, aquele retiro voluntário de tantas ocasiões de pecado, aquelas práticas de devoção causam na alma um gozo, um contento e uma confiança indizível. Aquelas alegrias e festas mundanas, misturadas de tantas amarguras, passaram; que me fica ao presente de todas elas senão um amargo arrependimento e um triste pesar? Oh, e quão doce é estar isentos no último dia do ano de todos estes pesares e não ter senão o testemunho de uma consciência tranquila e sossegada! Quem não quereria hoje este secreto testemunho? Esta é a vantagem que levam os que passaram o ano santamente aos que o passaram na vaidade e no pecado. Sente-se então um fundo de confiança na misericórdia de Deus, a quem se deve todo o bem que se fez, que desvanece e dissipa todos os temores e nos faz esperar para o ano próximo uma perseverança que causa um maravilhoso gozo, um prazer interior, um gosto requintado e uma paz inefável.

Ah, Senhor, que não quereria eu agora haver feito para gostar deste doce consolo! Ditosas as almas fiéis que o experimentam: ao menos fazei que eu aumente de hoje em diante o número destas almas; e que, se vós me concederdes o ano próximo, tenha o consolo de haver-me aproveitado dos pesares que tenho ao acabar este: assim o espero de vossa graça.

Jaculatórias

Senhor, quer comece, quer acabe o ano, não cessarei de dizer-me que vou correndo ao sepulcro. (Is 38.)

Senhor, pois vos dignais conservar-me a vida, prometo-vos não empregar o resto de meus anos e de meus dias senão em amar-vos, em servir-vos e em glorificar-vos. (Ibid.)

Propósitos

1. Deve pensar-se no fim de cada ano quase o mesmo e do mesmo modo que se pensará no fim da vida. Este número de dias de que se compõe assim o ano como a vida, ditosos ou infelizes, tristes ou risonhos, tudo passou, e a impressão que fizeram na alma os uns e os outros se apaga igualmente. Tu chegaste ao último dia deste ano, o qual foi o último para muitas pessoas. Que pesar tão justo deve ser o teu se o empregaste mal! Mas assim mesmo, que consolo tão doce não sentirás se todos os dias foram para ti dias cheios, se usaste santamente deste tempo, se te aproveitaste dos bens e dos males, se reformaste teus costumes, se praticaste com pontualidade teus exercícios de devoção, se, havendo lido cada dia a vida do Santo do dia, imitaste suas virtudes, se, tendo cada dia um pouco de lição, tiraste sempre dela algum fruto; finalmente, se, havendo recebido no discurso do ano tantas inspirações, tantos piedosos movimentos, tantos

salutares desejos, tantos exemplos, ou que rejeitar ou que seguir; se, separando o verdadeiro do falso, o danoso do salutar, foste bastante prudente para trabalhar eficazmente em tua salvação! Ocupa-te hoje nestes salutares pensamentos e, seja o que for do passado, ao menos passa este último dia tão santamente que esta tarde tenhas ao menos o consolo de não haver perdido todo o ano.

2. O meio mais próprio para começar bem o ano novo é acabar santamente o antecedente; aproveita-te deste aviso e imprime-o em teu coração. É uma prática de devoção muito útil, e da qual usam as almas fervorosas, fazer nestes dias últimos uma confissão extraordinária das faltas mais consideráveis que se cometeram no discurso do ano. Passa este último dia numa espécie de retiro; é muito devido que ao menos este último dia seja todo para o Senhor e para tua salvação. Não te contentes com ler isto, põe-no por obra, pois uma leitura seca e estéril pode ser-te muito danosa. Dá graças a Deus com especialidade de todas as graças que recebeste. Visita hoje alguma capela ou igreja daquelas em que a santíssima Virgem é honrada e venerada particularmente e dá-lhe as graças com muita humildade e fervor por tantos benefícios como recebeste por sua mediação e consagra-te de novo a seu serviço. Não te esqueças dos santos Anjos, especialmente do de tua guarda; que não deves a teu santo Anjo! Mostra-lhe hoje teu reconhecimento. Dá graças aos Santos pelos benefícios que te conseguiram de Deus e faze que se interessem em tua salvação, mostrando-te agradecido ao que fizeram por ti. Sê liberal com os pobres mais do que costumas, com o fim de reparar com estas esmolas extraordinárias tantos loucos gastos como sacrificaste a tuas diversões ou a tua vaidade. Passa toda esta tarde, se puder ser, diante do santíssimo Sacramento, para reparar de algum modo tantas tardes ou noites passadas no jogo ou em bagatelas. Enfim, acaba este ano tão cristãmente como quererias agora havê-lo passado todo; todas estas piedosas indústrias contribuirão maravilhosamente ao importante negócio de tua salvação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:34 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:34 by Admin